

A raiz neokantiana das meditações orteguianas sobre vida e cultura

Prof. Dr. José Mauricio de Carvalho
(UFSJ - São João del-Rei - MG - Brasil)
mauricio@ufsj.edu.br

Resumo: Neste artigo vamos recordar as etapas mais significativas da evolução do pensamento orteguiano associadas aos anos de 1914 e 1932. O propósito é demonstrar que embora tenha elaborado um pensamento original e passado por etapas de aprofundamento, sua filosofia consiste numa reflexão contínua em torno do conceito de vida situada e que sua meditação conserva elementos da formação neokantiana. Portanto, se o desenvolvimento do pensamento inicial representa a superação de aspectos de sua formação em Marburgo, alguns aspectos do neokantismo permaneceram no pensamento orteguiano.

Palavras-chave: Crise; Ética; Massa; Sociedade; Cultura.

1. Considerações iniciais

O ano de 1914 é considerado um marco na evolução intelectual de José Ortega y Gasset porque é o ano da publicação das *Meditaciones del Quijote* e do artigo *Velha e Nova Política*. Nos dois trabalhos, em especial no livro, o tema da vida concebido como problema filosófico no artigo *Adão e o Paraíso*, de 1910, adquire maturidade. E o que significa maturidade? Significa que as meditações sobre a vida espanhola, suas dificuldades e desafios, tema dos primeiros artigos, tornam-se questionamentos metafísicos e adquirem sentido universal. É então que viver se torna desafio e tarefa de cada homem. A partir das *Meditaciones* a vida de cada pessoa apresenta-se como realidade fundamental a ser examinada, realidade a ser desvendada para conviver com as incertezas do mundo. No livro é tratado filosoficamente o vínculo insuperável entre o eu e a circunstância e viver apresentado como um que fazer na circunstância. Entre os fazeres importantes registre-se a procura do significado de ambos os conceitos: eu e circunstância, além da relação que mantêm entre si.

É nas *Meditaciones* que a procura do sentido se explicita como salvamento da circunstância, isto é, de nela alterar o que impede a realização do programa vital. No artigo *Velha e Nova Política*, o filósofo rompe com as posições restauradoras da geração de 98 e se dirige às minorias cultas, responsáveis e patrióticas da Espanha com o objetivo de promover um salto de qualidade na vida do país rompendo com o que lhe parecia levar ao atraso espanhol. Já começa a se delinear neste artigo a ideia de que as sociedades possuem majorias e minorias e que cabe às segundas a liderança.

O ano de 1914 consiste, portanto, no marco de maturidade intelectual aceito pelos comentadores da obra orteguiana como o momento em que a sua reflexão alcançou contornos próprios em relação à sua formação neokantiana. Outra data marcante para quem estuda a evolução

do pensamento do filósofo madrileno é o ano de 1932 quando ele aprofunda a ideia de razão vital e explica o papel que a crença tem no arcabouço intelectual das pessoas e sociedades¹. Esta é uma data aproximada de aprofundamento conceitual, pois quem prefira falar que esta inflexão começa em 1929 quando do contato do filósofo com o livro *Ser e Tempo* de Martin Heidegger². Em relação a esta inflexão também denominada de segunda navegação deve-se entender como dito em *O sentido da perspectiva em El Espectador* que seus temas fundamentais foram construídos nos anos precedentes e podem ser identificados nos ensaios de *El Espectador*. No artigo se esclarece que: “*El Espectador* é um conjunto de sete volumes com ensaios e artigos elaborados durante um período bastante longo entre os anos de 1916 e 1934” (CARVALHO, 2010, p. 400). Assim a segunda navegação não constitui um rompimento com o rumo da reflexão orteguiana iniciada em 1914, mas um aprofundamento de alguns de seus aspectos.

Os anos trinta trazem outra ampliação intelectual além da epistemológica mencionada por Jaime Salas no livro *La última filosofía de Ortega y Gasset*. São mudanças no modo de pensar a ética e a política. A crise da Espanha abordada nos artigos desde 1908 e consolidada na obra *España Invertebrada* (1921) ganha os contornos de uma crise de civilização no livro *La rebelión de las masas* de 1930. Com o livro de trinta o filósofo elabora crítica, com fundamento ético, ao propósito corrente de utilizar a noção de democracia fora do âmbito institucional que lhe é adequado. Desde então deixa de buscar na Europa solução para os problemas da Espanha para falar de uma crise de civilização que atinge todo o continente e podemos dizer todo o ocidente.

Este artigo espera mostrar que o aprofundamento temático resumido acima, isto é, a crítica à nova barbárie e a sociedade de massa tem raízes nos trabalhos escritos desde 1908, portanto antes da data considerada referência de maturidade intelectual. Isto significa que se pode falar de maturidade a partir de 1914 e é possível reconhecer o aprofundamento temático na década de 30, mas o pensamento orteguiano não perde as suas raízes neokantianas. Este entendimento parece fundamental para a fase atual dos estudos sobre o autor, é importante para esclarecer que o

1 Sobre esta etapa da meditação orteguiana, Jaime Salas escreve na apresentação de *La última filosofía de Ortega y Gasset* (2003): “Se pode falar de um segundo período do pensamento orteguiano que começa em 1932. Este período está envolto em polémica filosófica e extra-filosófica, porém ele é pouco examinado como tal período” (p. 15). O livro de Salas e Álvarez se dedica ao aprofundamento das questões desenvolvidas por Ortega y Gasset na obra *En torno a idea de principio em Leibniz*. Na resenha do IX volume das *Obras Completas de Ortega y Gasset* denominada *Segunda navegación de extraordinária importância* e publicada na Revista de *Estudios Ortegaianos* o mesmo Jaime Salas diz que o que ele denomina segunda navegação é o período que se segue a 1932 “quando Ortega pensa em dirigir sua obra a um público acadêmico e internacional, dando-lhe um formato mais intelectual e menos ensaístico” (p. 205).

2 Margarida Amoedo em sua tese de doutoramento publicada com o nome *José Ortega y Gasset; a aventura filosófica da educação* diz que (2002): “sobretudo a partir de 1932, o pensamento orteguiano está preparado para confrontar-se com o de Dilthey e o de Heidegger, a descrição dá lugar a análise conceptual de toda a estrutura da vida” (p. 239).

aprofundamento temático foi feito a partir de elementos e pressupostos presentes desde o início da sua reflexão. Trata-se de um pensamento íntegro e com momentos de aprofundamento e só como tal faz sentido falar de inflexão. E a raiz neokantiana encontra-se visível nas considerações sobre a vida e a cultura.

2. A crise de civilização e o tempo das massas

Ortega y Gasset examinou sob diferentes óticas a crise de civilização porque passava a Europa nas primeiras décadas do século passado. Aqui vamos destacar especialmente os aspectos éticos e políticos da crise. A razão da escolha é porque tais elementos revelam melhor o vínculo entre os escritos do início da vida mais claramente neokantianos e o problema das massas elaborado na fase madura.

As análises apresentadas em *España invertebrada* e aprofundadas em *La rebelión de las massas* foram preparadas nos artigos escritos a partir de 1908 e nos ensaios de *El Espectador*. Como se explica em *Totalitarismo e ética em Ortega y Gasset*, o livro *España invertebrada* examina os

males advindos do excesso de democracia ou hiperdemocracia decorrente da redução histórica das diferenças sociais e do modo de vida semelhante dos dois sexos, fatos que ele atribui à evolução do liberalismo. Este processo levou à perda de referência da minoria que deixou de ser olhada como exemplar pela maioria (CARVALHO e BESSA, 2012, p. 109).

É o que o filósofo explicou em *España invertebrada*: “Quando em uma nação a massa se nega ser massa – isto é, seguir uma minoria dirigente - a nação se desfaz, a sociedade se desmembra, e sobrevém o caos social, a invertebração histórica” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 93).

Em *La rebelión de las masas*, a crise da Espanha ganha os contornos de crise da Europa³. Tornou-se claro para o filósofo que a europeização da Espanha apregoada nos artigos do começo da vida era uma proposta insuficiente para resolver os problemas do país. E era insuficiente porque a

³ O livro *La rebelion de las masas* mereceu uma sessão de estudos na *Revista de Estudios Orteguianos*, n. 2. Ele foi objeto de diversas análises, mas uma interessa em especial no contexto deste trabalho. O artigo *Reflexiones sobre la crisis de la vida colectiva en La rebelión de las masas*, de Maria Cristina Pascerini examina o sentido de crise de civilização representada pela chegada ao poder das massas como força social e a confiança do filósofo em superá-la pela renovação axiológica da sociedade. Ela escreve (2001): “Ortega y Gasset, mais otimista que Dante, mantém a esperança no homem de sua época e confia em que é possível resgatar a sociedade da crise que sofre por culpa do império das massas” (p. 266). E mais adiante comenta a solução orteguiana: “A sociedade pode sair da crise em que está passando (...), Mas isto requer que o homem exija de si mesmo e se proponha a realizar projetos inovadores, que assegurem a prosperidade da sociedade em que vive” (p. 272).

crise que identificava na Espanha era mais ampla do que ele inicialmente acreditara, possuía raízes profundas no novo tipo de homem que surgia naquele momento histórico. Tratava-se de um homem que não se esforçava para ser melhor e nem para melhorar a sociedade, como se lê em *Vida e valores na filosofia da razão vital de Ortega y Gasset*:

O problema moral da Europa é que ali se permitiu o desenvolvimento de sonhos que afastam as pessoas da vida concreta. Isto não é privilégio de nenhuma cultura, mas na europeia o resultado foi que o homem comum não mais se compromete moralmente com a mudança do mundo. Esta é, para Ortega y Gasset, a raiz dos problemas vividos pela sociedade europeia e que ele não cansa de criticar em *A rebelião das massas* (CARVALHO, 2004, p. 94)

Nos ensaios de *El Espectador* já está evidente que a fragilidade ética das massas mencionada naquele livro famoso decorria da adesão à vida vulgar e a falta de esforço e responsabilidade para com a própria vida e os destinos da sociedade. No próximo item vamos mostrar que a interpretação orteguiana estava sustentada nas referências neokantianas de sua formação alemã, embora Ortega y Gasset as tenha re-elaborado a partir de 1914 e avançado em suas posições raciovitalistas a partir dos anos 30, como foi resumido nas considerações iniciais.

E o que pretende o filósofo com sua análise da sociedade de massas no livro de 1930? Já se indicou em *O século XX em El Espectador de Ortega y Gasset: a crise como desvio moral* que: “a característica fundamental da crise do século XX era uma atitude comum que, segundo Ortega y Gasset, marcava a massa e a minoria da sociedade” (CARVALHO, 2010, p. 15). As maiorias do século XX já não queriam se espelhar nas minorias para tocar para frente a vida pessoal. A intenção do filósofo foi indicar uma trilha para superação da existência medíocre e percebida como sem sentido, propor alternativa à vida banal tida por raiz da crise de civilização que se vivia no ocidente. Deixar a condição de homem massa era o desafio moral do homem do seu tempo. Em *La rebelión de las massas* a existência interessante nasce da fidelidade ao núcleo vital e se eleva à condição de vida nobre. Assumir os riscos da existência, mudar na circunstância o que impede a emergência da vida nobre, tal é o desafio do homem daqueles dias.

Minoria, qualquer que seja, significa grupo com excepcional compromisso moral ou dedicação completa, como foi dito em *Estado e nação no pensamento orteguiano*. Ali se comenta o que se espera dos intelectuais como minoria do seguinte modo: “Para cumprir sua vocação e papel como minoria importante, o intelectual precisa se submeter à rigorosa disciplina e exigência de objetividade, contínuo aperfeiçoamento da reflexão e permanente ampliação de suas ideias”

(CARVALHO, 2011, p. 134). Entenda-se que os intelectuais não representam a única minoria, nem a mais importante. Há minorias entre as diversas formas de arte, na política, na economia, nas religiões, etc.

Quais as questões fundamentais de *La rebelión de las massas*? O principal está resumido em *Totalitarismo e ética em Ortega y Gasset*, bastando recordar o que se considera seja o fundamental para entendimento da obra.

O mais importante parece ser que o homem massa que lotava os espaços públicos naquele momento da história, não é simplesmente o indivíduo de uma multidão, mas alguém que não quer se esforçar para ser melhor, que não cobra de si empenho e dedicação. Este homem, avalia o filósofo, foi concebido no século XVIII, época em que as revoluções de inspiração liberal inauguraram um tempo de direitos sem deveres. A melhoria do nível de vida das populações mais pobres acabou contribuindo para permitir que a maioria desfrute de coisas que em outros tempos era privilégio de poucos. Contudo, o conceito de maioria e minoria não é essencialmente econômico, Ortega y Gasset não defende a burguesia, por exemplo, ao contrário a critica vigorosamente e trata o comportamento burguês típico como próprio da massa.

Quais as características do homem massa? Para o filósofo, o homem massa é um novo bárbaro que se parece a uma criança mimada ou um senhorio satisfeito. Novo bárbaro não porque seja um estrangeiro incivilizado como no tempo dos romanos, mas porque é um especialista ignorante dos diversos aspectos da cultura. Ele até pode conhecer muito de campos restritos da cultura, mas é completo ignorante em relação a quase todos os outros aspectos. Portanto, em relação à quase tudo é completo ignorante, embora seja escolarizado. Ele é também como criança mimada porque não aceita limite para seus desejos, vivendo na crença “de que tudo lhe será permitido e a nada está obrigado” (p. 178). É, parece, o que está na raiz do gozo irresponsável que moralistas e psicólogos identificam no homem de hoje. Finalmente, o homem massa se parece ao senhorio satisfeito que se sente seguro em sua propriedade e com os bens que possui. Não se sente ameaçado pela vida, não a vê como arriscada e nem precisa fazer grande esforço para continuar a viver. Tudo está como sempre esteve, ele recebeu o mundo como uma propriedade imutável. O homem massa não se sente ameaçado e acredita que a sociedade está aí e tem tudo para prover suas necessidades sem necessitar de grande empenho, inovação e sem esperar por qualquer imprevisto. Ele acredita que tudo está organizado e pronto para seu uso e conforto definitivo.

Ortega y Gasset associa as características do homem massa à formação das democracias totalitárias que ganharam força na Europa no século passado, como foi explicado em *Totalitarismo*

e ética em Ortega y Gasset: “A falta de compromisso ético da massa, sua propensão à inércia, estimula o uso violento dos instrumentos do Estado para impor seu estilo de vida” (CARVALHO e BESSA, 2012, p. 122). Contudo, o homem massa, e isto Ortega y Gasset não tinha como antecipar, pode também ser encontrado nas democracias formais de nosso tempo, como se diz em *Ética*, ainda que suas características tenham sofrido alterações. O senhorio satisfeito hoje “não aceita conviver com o luto nem com qualquer forma de perda” (CARVALHO, 2010, p. 237), como criança mimada espera gozar ilimitadamente os prazeres de uma sociedade consumista e hedonista, (embora ansiosa) e se acentuou sua condição de especialista ignorante, possuindo muita informação à sua disposição na rede mundial de computadores, mas nenhum senso crítico.

3. As raízes da meditação sobre as massas nos primeiros artigos orteguianos

As manifestações contemporâneas do homem massa confirmam o entendimento de que ele é alguém que rejeita o dever, notadamente na forma como foi preconizada no imperativo categórico de Kant, tomado por Ortega e Gasset como referência da ética moderna.

Na *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, o filósofo alemão assim o formulou: “Procedes de tal maneira que trates da humanidade, tanto na sua pessoa como na pessoa de todos os outros, sempre como um fim e nunca como puro meio” (KANT, s.d., p. 92)⁴. O fato confere importância aos escritos orteguianos da fase kantiana que ele deu novos contornos mais tarde, como resumiu Cascalès: “mudando a razão pura em razão vital e o imperativo categórico dando lugar ao imperativo de lealdade” (CASCALÈS, 1957, p. 8). Contudo, como se pretende mostrar neste trabalho o modo de pensar neokantiano, aprendido em Marburgo⁵ está na raiz das meditações orteguianas e ele não conseguiu abandonar as referências neokantianas, embora tenha construído um pensamento próprio. Logo depois da morte de Ortega y Gasset, Cascalès entendia a meditação orteguiana como pura reação e “oposição ao kantismo” (CASCALÈS, 1957, p. 8). A fidelidade ao núcleo íntimo insubornável elaborado na fase madura (imperativo de fidelidade a si) se torna o referente moral, mas é insuficiente para justificar a dedicação aos valores da cultura se o fato for isolado de suas crenças de origem neokantiana.

Um aspecto particularmente importante que aproxima Ortega y Gasset do neokantismo é o

4 No texto *Política* do Curso de Humanidades, Paim, Prota e Ricardo Vélez afirmam que “o imperativo categórico torna-se a norma fundamental da ética kantiana, uma expressão da razão que sintetiza o ideal de pessoa humana para a civilização ocidental, dotado de objetividade e, portanto, que se universaliza” (p. 128).

5 Depois da formação inicial em Marburgo, Ortega y Gasset voltou ainda uma vez mais, em 1911, para aquela universidade, considerada o esteio do neokantismo alemão, para se preparar melhor para o posto de Professor de Metafísica da Universidade Central de Madrid. Ele fora nomeado para o cargo em 25 de novembro de 1910.

conceito de cultura, como ficou demonstrado no artigo *Apontamentos para uma filosofia da cultura em Ortega y Gasset* de Luis de Corte Ibáñez. Ali ele esclarece que Ortega y Gasset propõe, desde seus primeiros escritos, uma clara relação entre cultura e razão e que neste diálogo conceitual se nota a influencia de sua formação neokantiana. Ele escreveu: “Não obstante o sentido que por aquele concede aos termos resultará demasiado próximo a definição neokantiana de cultura ou *Kultura* como conjunto das mais altas realizações da humanidade” (IBÁÑEZ, 2002, p. 112).

O reconhecimento da influencia neokantiana nos escritos da fase madura de Ortega y Gasset foi igualmente tema do artigo de Cesáreo Villoria denominado *La influencia de la filosofía alemana en La idea de principio en Leibniz y la evolución de la teoría deductiva*. Na obra onde desenvolve conceitos fundamentais de seu pensamento maduro como: razão vital, crença, drama e ideoma, Ortega y Gasset deixa ver a influência de sua formação neokantiana⁶. Depois de cuidadosa análise da obra e dos pontos centrais do neokantismo de Cohen e Natorp, Villoria concluiu: “Nos permitimos este exórdio sobre o neokantismo de Cohen e Natorp com o propósito de mostrar o sentido de nossa interpretação de *La idea de principio*, e é, com efeito, que nesta obra está presente de modo mais autêntico o que cremos, Ortega nunca perdeu de todo seu neokantismo” (VILLORIA, 2003, p. 157).

Enxergar na raiz da fidelidade íntima o imperativo categórico de Kant ajuda a aprofundar a questão e indica os aspectos em que Ortega y Gasset se afasta do neokantismo. Auxilia também a tratar melhor os problemas indicados no final do capítulo 6 da *Introdução à Filosofia da Razão Vital de Ortega y Gasset* onde se percebe a dificuldade de associar a fidelidade ao núcleo íntimo a valores culturalmente estabelecidos e se sugere “minimizar os efeitos das críticas orteguianas à Kant” (CARVALHO, 2002, p. 395), como foi dito no livro de dez anos atrás.

O ano de 1898 foi particularmente difícil para a Espanha que perdeu em guerra para os Estados Unidos suas colônias de: Porto Rico, Cuba e as Filipinas. O país se voltou então para seu interior em busca dos elementos de recuperação. A atitude de volta para dentro foi denominada por Unamuno de restauração. Restaurar significava buscar nas entranhas nacionais os elementos de superação da crise que se abatera sobre país em virtude de suas fraquezas.

Quando inicia a vida de escritor em 1908, Ortega y Gasset identifica os elementos da crise que se arrastava há mais de uma década no seu país e diz em *Sencillos Reflexiones* (1910): “Há uma

⁶ No artigo *La influencia de la filosofía alemana en La idea de principio en Leibniz*, Cesáreo Villoria afirma (2003): “Em *La idea de principio* a própria adoção do esquema de conhecimento do neokantismo de Marburgo, permite-lhe estabelecer tanto os modos de pensar na história, quanto as formas de manifestação da realidade como: a afirmação da vida como realidade radical e a historia em que se assentam os modos de pensar” (p. 158).

discrepância radical entre crer que a Espanha está enferma e crer que a Espanha está como morta” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 166). E o que lhe parece necessário para vencer a crise era a aproximação da Europa indicada em *Competência* (1913). No artigo também fica claro que sua proposta significava marchar na direção oposta à indicada pela geração de 1898, isto é, não se voltar para dentro da Espanha, mas abrir-se para a Europa. Ele explica: “a enfermidade da Espanha não é outra coisa que seu alheamento da Europa, quer dizer, da ciência” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 228). Fica explícito que a aproximação com a Europa não era movimento geográfico, mas abertura à ciência moderna, meio eficaz para superar os males do país resumidos em: “favoritismo, arbitrariedade, incompetência e frivolidade” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 227).

A fragilidade espanhola, explicou Ortega y Gasset, não estava “no excesso de ordens religiosas que não desvia nada da coluna vertebral da Espanha, pela simples razão de que a Espanha está hoje invertebrada” (p. 168). E a invertebração da Espanha, tema do livro famoso de *Espanha Invertebrada*, nascia da ausência dos melhores no cenário coletivo, fragilidade das minorias existentes no momento, conforme detalha em *Sencilhas Reflexiones*. E, portanto, está delineado no artigo de 1910 que a invertebração é a raiz do mal-estar do país. Crise expressa “na decadência histórica, que exterioriza na morte interior, a gangrena fatal de sua substancialidade étnica” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 163).

A inaptidão da minoria para liderar os diversos campos da cultura naquele momento histórico era um problema grave porque a opinião pública resulta da relação entre a maioria e minoria, conforme esclarece em *De puerta de tierra* (1912): “o público é precariamente a maioria e a minoria juntas” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 189). Opinião pública não é o modo de pensar de uma maioria desqualificada num determinado assunto. A democracia que é instrumento de decisão política não pode ser usada para decidir a opinião pública e de resto os rumos da cultura, pois “a maioria é um regime, quer dizer, uma ficção jurídica por meio da qual se põe em causa a luta das opiniões particulares que aspiram se realizar” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 189). Cabe, portanto, às minorias representantes da excelência intelectual e moral liderar a sociedade, dando a tônica dos diversos campos da cultura e ajudando a maioria a se posicionar em relação aos diferentes assuntos.

A aproximação da Europa, que significa abrir-se à ciência e moral modernas, compromete o Estado e as instituições públicas com a instrução e a ciência. E o que é a ciência? Ele esclarece em *Da moral visigótica* (1908) que “é uma coisa intermediária entre o saber tudo e o não saber nada” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 58). Ela nasce e é solidária de um tempo em que a moral se volta para o conhecimento e não para a castidade. “Não é a pureza o primeiro dever do homem, senão a

sabedoria, não é a luxúria o grande pecado, senão a ignorância” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 58). A sociedade em que a moral social se concentra na castidade e no roubo vive e herdou a moral visigótica, que foi forte durante a Idade Média, mas já não está adequada à Idade Moderna.

A instrução e a ciência promovem um outro ideal ético, ou um novo tipo de santo, cujas virtudes esclarece no artigo *La cuestion moral* (1908) são: “virtudes terrenas, virtudes municipais, virtudes laicas” (ORTEGA Y GASSET, 1994 p. 77). Portanto, ir à Europa significava também adotar uma nova ideia de virtude, incluída a busca do bem-estar material uma vez que “a riqueza é um produto da cultura” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 76). Ao voltar ao tema em *Guerra com Cuartel* (1909) revela a necessidade de aderir a “uma ética moderna: na qual não é lícito enxertar pedaços da ética medieval” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 103).

A procura por uma Europa que representa o ideal de ciência moderna objetiva eliminar do cenário social, afirma-o em *Los problemas nacionales y la juventud* (1909) “os analfabetos intelectuais que praticam o analfabetismo moral” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 110). O analfabetismo intelectual é o desconhecimento da ciência moderna e seus paradigmas, quanto a moral, admitida é a kantiana, como diz em *La pequeña filosofía* “a moral como ciência” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 54). No artigo ele também explica que a democracia autêntica se pauta na obediência à lei moral ou imperativo categórico. Nos textos de Kant sobre a moral está “a fundamentação científica da única e verdadeira democracia, a democracia como lei de moralidade” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 54). Isto significa que todos são desafiados a seguir as exigências da moralidade, embora nem todos o façam com a mesma excelência e dedicação.

A avaliação da ciência moderna, incluída a ética kantiana como produto correlato, significa a constituição de uma nova referência cultural, de um novo poder espiritual, como ele esclarece em *La ciencia y la religión como problemas políticos* (1910). Já notara Claude Henri de Saint-Simon que as alterações nas referências sociais pedem a constituição de um novo poder espiritual. É o que diz no artigo: “Com admirável claridade Saint-Simon viu isto quando afirmava que para organizar devidamente o que ele chama de mundo industrial era mister um novo poder espiritual” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 123). Trata-se de introduzir mudança no padrão cultural “porque as ciências formam uma admirável arquitetura, apoiando-se umas nas outras” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 123). Juntos o saber emanado das ciências altera o modo de entender o que é o mundo, estabelece novos compromissos morais e modifica o perfil da cultura. Diz o filósofo em *Venerables ironias* (1910) que “a história universal se diferencia da zoologia, ou história natural, em que se considera aquela como a linha de desenvolvimento de um personagem perfeitamente concreto e caracterizado:

a cultura” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 148).

Aspecto fundamental do pensamento elaborado naqueles dias foi a interpretação singular da obediência ao imperativo categórico de Kant como respeito ao núcleo íntimo da personalidade, tema de *El Cabilismo, teoria conservadora* (1908). No artigo a subjetividade mostra-se como forma de individualismo do seguinte modo: “heróico cultivo de nossa fisionomia personalíssima, de nossos traços genuínos, de nossa ação singular” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 59). No artigo, Ortega y Gasset explica que os espanhóis não são coletivistas, mas não alcançaram a subjetividade ou individualidade modernas. Por estarem entre estes dois pontos, compara seu comportamento ao das tribos africanas da região da Cabília (Argélia). Escreve textualmente: “na ideia de cabilismo encontro o termo médio entre o espírito coletivista e o individualismo” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 60). Estariam, pois, os espanhóis entre o coletivismo tribal e a individualidade moderna. A subjetividade moderna apenas se estabelece quando a pessoa adquire “uma disciplina moral e uma disciplina intelectual graças as quais consegue cada homem dar à sua individualidade têmpera e segurança indomáveis” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 69), escreve em *Disciplina, Chefe, Energia*. Portanto, Ortega y Gasset desenvolve a noção ética de fidelidade a núcleo pessoal quando aplica a ideia de disciplina moral e intelectual ao imperativo kantiano.

A energia moral é o que propicia a obediência ao imperativo categórico, explica em *La cuestión moral* do seguinte modo: “do seu nobre orgulho teutão virtuoso, olhava Fichte, os românticos ir perdendo suas energias morais e lhe pareciam raças mortas, incapazes de ressurgimento e fecundidade, como cisternas evaporadas de um imenso deserto arenoso” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 77).

O distanciamento que mais tarde Ortega y Gasset estabelece entre a fidelidade ao núcleo íntimo e a obediência a um imperativo de razão consistia na incorporação dos aspectos irracionais da consciência, conforme explica em *Tierras del porvenir* (1929): “Em vez de suplantando o instintivo e irracional com a razão, convém completá-lo com esta. A razão não basta nunca a si mesma. E só correção do instinto, aperfeiçoamento da espontaneidade” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 485). E nisto há diferença pela desconfiança que Kant tinha dos instintos, mas quando se entende o modo como Ortega y Gasset interpreta a obediência ao imperativo nos seus primeiros escritos vê-se que se trata de interpretação do kantismo: obediência rigorosa ao modo como intimamente percebo minha missão na sociedade.

4. Considerações finais

Como se indicou os escritos de Ortega y Gasset a partir de 1914 adquirem profundidade filosófica e feição própria. O ano é tomado como referência para a criação do raciovitalismo. Sem dúvida, *Meditaciones del Quijote* representa contribuição inovadora para a filosofia do século XX.

Recentemente, os comentaristas passaram a falar de 1932 como momento de inflexão decorrente do contato com a obra de Martin Heidegger quando a analítica existencial de *Ser e Tempo* inspirou uma análise conceitual da estrutura da vida. Naquele momento o fundo íntimo insubornável com inspiração biológica de que falava o pensador, torna-se projeto vital, algo elaborado pelo próprio sujeito como um continuado fazer-se. O que se procura indicar neste trabalho é que apesar destas datas representarem marcos de aprofundamento da filosofia orteguiana, ela segue linha de continuidade em torno ao tema da vida. Também significa que inflexão não significa eliminação da influência neokantiana⁷. Outro aspecto fundamental que procuramos indicar é que a fidelidade ao núcleo íntimo do sujeito questão fundamental a partir de 1914 indica superação parcial do modo neokantiano de Marburgo, como dito em *A problemática ética em El Espectador*⁸. Superação significa o que resumiu Siches em *Jose Ortega y Gasset: algunos temas capitales de su filosofía*: “Em Kant não encontrou, nem sequer buscou, o que queria, mas aprendeu a buscar (SICHES, 2011, p. 164). Isto significa uma interpretação particular do imperativo categórico do filósofo das *Críticas* de modo a que pudesse incorporar elementos enriquecedores das filosofias da vida e, sobretudo, da psicanálise. Estes elementos ficaram em evidência na passagem do século com a publicação, por Sigmund Freud, de *A interpretação dos sonhos* (1901). A título de precisão não se trata de perder o ideal do imperativo de ação kantiano, reconhecendo a humanidade do homem como o valor mais importante da ética, mas o entendimento de que um imperativo que trata de humanidade não pode entendê-la como exclusivamente racional⁹. Consiste nisto o fundamental do ir adiante do kantismo.

7 Na comunicação apresentada no Colóquio José Ortega y Gasset, intitulada *Ortega y Gasset: um interlocutor ainda atual*, foi resumido o que Ortega y Gasset elabora nos seus trabalhos a partir de 30 sobre a vida (2003): “a filosofia ajuda a entender a vida, auxilia a tecer uma teoria da realidade que reúne os aspectos da ciência, mas os ultrapassa pela possibilidade de aproximar partes que o rigor científico deixa desconectadas e aparentemente sem sentido. (Contudo) não vivemos para pensar, mas pensamos para viver, esse é o entendimento orteguiano, a razão está identificada com a vida” (p. 36).

8 No artigo *A problemática ética em El Espectador de Ortega y Gasset* indica-se em que aspecto se fala da superação da noção neokantiana de cultura, uma vez que o filósofo privilegia “as condições da experiência cultural chegando ao conceito de circunstância” (p. 112).

9 No artigo *Atualidade do pensamento ético de Ortega y Gasset*, Luís de Araújo observa que o núcleo íntimo da existência, fundamento da metafísica orteguiana, possui o sentido de um imperativo ético. Ele escreveu: “as formas superiores de existência e modelos de vida onde, para usar a palavra do filósofo, a nobreza se opõe à vulgaridade, fruto do esforço, autodisciplina e contínua exigência tem, (...), a dignidade de um imperativo ético” (p. 18).

A influência do neokantismo também se deixa ver no entendimento de que a vida está orientada pelos valores da cultura e não pode desconsiderar, embora não se reduza à existência biológica. Nega-se, pois, a expressão espontânea do vital como ideal de existência humana, nisto não superando as filosofias da cultura de inspiração kantiana, ao contrário ficando próximo a ela ao considerar o homem um animal cultural mediante o exame das responsabilidades da missão de cada um com a sociedade¹⁰.

Outro aspecto importante é que a filosofia raciovitalista elaborada a partir dos anos 30 deixa de confiar na solução política para os problemas da Espanha e passa a falar de uma solução filosófica ou metafísica e moral para a crise de civilização do ocidente. Neste sentido, também não há um abandono do legado neokantiano, mas uma volta a Emmanuel Kant que não colocava na política a solução para os problemas fundamentais do homem.

Portanto, se o desenvolvimento do pensamento orteguiano representa a superação de vários aspectos de sua formulação inicial, algumas referências do neokantismo permaneceram.

Referências:

ÁLVAREZ, Lluís e SALAS, Jaime. *La última filosofía de Ortega y Gasset, en torno a la idea de principio em Leibniz*. Oviedo: Universidad de Oviedo, 2003.

AMOEDO, Margarida Isaura Almeida. *José Ortega y Gasset: a aventura filosófica da educação*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 2002.

ARAÚJO, Luís de. Atualidade do pensamento ético de Ortega y Gasset. In: AMOEDO, M., BARROS DIAS, J.M. e SALGADO, A. *José Ortega y Gasset, leituras críticas no cinquentenário de sua morte*. Évora: Imprensa da Universidade, 2007.

CARVALHO, José Mauricio de. *Introdução à filosofia da razão vital de Ortega y Gasset*. Londrina: CEFIL, 2002.

_____. Ortega y Gasset, um interlocutor ainda atual. In: CARVALHO, José Mauricio de. *Atas do Colóquio José Ortega y Gasset*. São João del-Rei: UFSJ, 2003.

_____. Vida e valores na filosofia da razão vital de Ortega y Gasset. In: CARVALHO, José Mauricio de (org.). *Problemas e teorias da ética contemporânea*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

¹⁰ O valor da cultura como orientação vital se encontra no artigo *Personas*, onde a elaboração do sentido da vida possui um caráter axiológico. Escrito ainda na fase neokantiana, o artigo aponta no essencial para o que Ortega y Gasset amadureceria mais tarde: a vida humana plena não se realiza no âmbito da política, mas é pessoal. O imperativo não é, contudo, uma imposição da razão, mas uma exigência de todo ser. O vínculo com o neokantismo foi resumido por Ibañez, no artigo citado pela meditação em torno a cultura. Ortega y Gasset entende (2002): “que a cultura nos dá algo diferente e superior a vida humana, e, em segundo lugar, (que é impossível) que exista ou possa chegar a existir uma cultura perfeita e definitiva que ponha fim a todas as nossas inquietudes e realizar todas as nossas potências” (p. 125/6). E mais, há a crença comum com o neokantismo: “que não há outra cultura verdadeiramente valiosa e digna de conservação que aquela sempre capaz de questionar-se e reinventar-se a si mesma” (p. 126).

_____. O sentido de perspectiva em *El Espectador* de Ortega y Gasset. *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis. 44: (2), 399-415, out. de 2010.

_____. O século XX em *El Espectador* de Ortega y Gasset: a crise como desvio moral. *Argumentos*. Fortaleza. 2 (4): 9-18, ago./dez. de 2010.

_____. A problemática ética em *El Espectador* de Ortega y Gasset. *ethic@*. Florianópolis. UFSC, 9 (1): 111-125, jun. de 2010.

_____. *Ética*. São João del-Rei: UFSJ, 2010.

_____. Estado e nação no pensamento de Ortega y Gasset. *Estudos Filosóficos*. São João del-Rei: UFSJ, 6: 124-142, jan./jun de 2011.

CARVALHO, José Mauricio de e BESSA, Vanessa da Costa. Totalitarismo e ética em Ortega y Gasset. In: CARVALHO, José Mauricio de (org.). *Poder e moralidade, o totalitarismo e outras experiências antiliberais na modernidade*. São Paulo: Annablume, 2012.

CASCALÈS, Charles. *L'humanisme d'Ortega y Gasset*. Paris: Presses Universitaires de France, 1957.

IBANEZ, Luis de la Corte. Apuntes para una filosofía de la cultura en Ortega y Gasset. *Revista de Estudios Orteguianos*. Madrid: Fundación Ortega y Gasset, 4, 111-127, 2002.

KANT, Emmanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Rio de Janeiro: Nacional, s.d.

ORTEGA Y GASSET, José. *Personas. Obras Completas*. 2. reimpressão, v. I, Madrid: Alianza, 1994.

_____. *España Invertebrada. Obras Completas*. 2. reimpressão, v. III, Madrid: Alianza, 1994.

_____. *Tierras del porvenir. Obras Completas*. 2. reimpressão, v. III, Madrid: Alianza, 1994.

_____. *La rebelion de las massas. Obras Completas*. 2. reimpressão, v. IV, Madrid: Alianza, 1994.

_____. *Sencillas Reflexiones. v. X. Obras Completas*. 2. reimpressão, Madrid: Alianza, 1994.

_____. *De puerta de tierra. v. X. Obras Completas*. 2. reimpressão, Madrid: Alianza, 1994.

_____. *Competência . v. X. Obras Completas*. 2. reimpressão, Madrid: Alianza, 1994.

_____. *Da moral visigótica. v. X. Obras Completas*. 2. reimpressão, Madrid: Alianza, 1994.

_____. *La cuestion moral. v. X. Obras Completas*. 2. reimpressão, Madrid: Alianza, 1994.

_____. *Los problemas nacionales y la juventud. v. X. Obras Completas*. 2. reimpressão, Madrid: Alianza, 1994.

_____. La pequeña filosofía. v. X. *Obras Completas*. 2. reimpressão, Madrid: Alianza, 1994.

_____. La ciencia y la religión como problemas políticos. v. X. *Obras Completas*. 2. reimpressão, Madrid: Alianza, 1994.

_____. Venerables ironías. v. X. *Obras Completas*. 2. reimpressão, Madrid: Alianza, 1994.

_____. El Cabilismo, teoría conservadora. v. X. *Obras Completas*. 2. reimpressão, Madrid: Alianza, 1994.

PAIM, A., PROTA, L. e RODRÍGUEZ, R. Vélez. *Política*. Londrina: EDUEL/ Instituto de Humanidades, 2000.

PASCERINI, Maria Cristina. Reflexiones sobre la crisis de la vida colectiva em *La rebelión de las masas*. *Revista de Estudios Ortegaianos*. Madrid: Fundación Ortega y Gasset, n. 2, 2001.

SALAS, Jaime. Segunda navegación de extraordinaria importancia (resenha do IX vol. das *Obras Completas*). *Revista de Estudios Ortegaianos*. Madrid: Fundación Ortega y Gasset, n. 19, 2009.

SICHES, Luis Recasens. José Ortega y Gasset: algunos temas capitales de su filosofía. *Revista de Estudios Ortegaianos*. Madrid: Fundación Ortega y Gasset, n. 23, 2011.

VILLORIA, Cesáreo. La influencia de la filosofía alemana en *la idea de principio en Leibniz y la evolución de la teoría deductiva*. *Revista de Estudios Ortegaianos*. Madrid: Fundación Ortega y Gasset, n. 6, 2003.

The Neo-Kantian root of José y Ortega's meditations on life and culture

Abstract: This article revisits the most significant stages in the evolution of Ortega's thought between 1914 and 1930. The objective is to demonstrate that although he developed an original thought that went through stages of profundity, his philosophy is a continuous reflection on the concept of situated life and that his meditation retains elements of a Neo-Kantian education. Therefore, if the development of the initial thought represents the overcoming of aspects of his education in Marburg, some aspects of Neo-Kantian philosophy remained consistent in Ortega's thought.

Keywords: Crisis; Ethics; Mass; Society; Culture.

Data de registro: 06/08/2014

Data de aceite: 03/09/2014